

entrevista

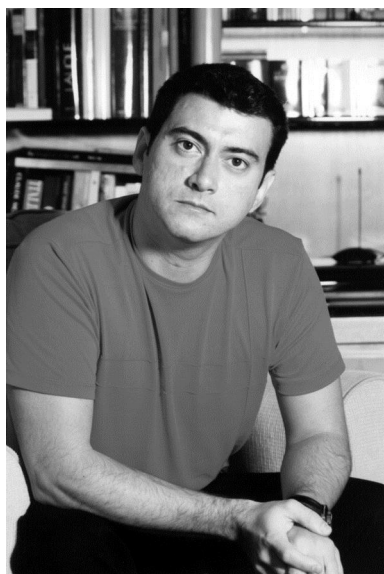
por Lúcia Helena da Silva Joviano *

“Descobri que, no fundo, não gosto de ser autor, mas apenas de escrever histórias, mexer com as fantasias das pessoas, sexuais ou não”

FELIPE GRECO



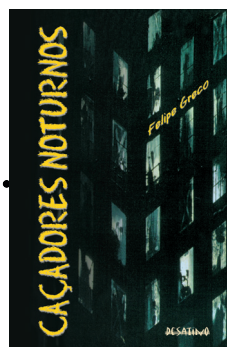
Felipe Greco (pseudônimo literário de João Felipe de Freitas Tavares) nasceu em junho de 1967, sob o signo de câncer. É gaúcho de Uruguaiana (RS), porém desde 1985 reside em São Paulo.



Felipe tem dois roteiros filmados: "Atração Satânica" (1987) e "The ritual of death" (1990). Em outubro de 1991, venceu o concurso literário promovido pela Fiat do Brasil, com o conto "Anjo provisório". Em agosto de 2001, publicou o livro de contos *Caçadores Noturnos* (Desatino, SP); em maio de 2003, *O coveiro*, uma fábula marginal (Desatino, SP); em julho de 2004, um artigo em obra coletiva, "Getúlio Vargas, um político camaleônico", in *Política e conflitos internacionais* (Revan, RJ). Em outubro de 2006, teve um texto juvenil inédito, *Memórias do asfalto*, premiado pelo Programa de Ação Cultural (PAC 26) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (lançado em junho de 2007). Entre junho de 2007 e março de 2008, adaptou o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para quadrinhos (previsão de lançamento: 1º semestre de 2012). Em abril de 2008, também assinou o roteiro de um curta-metragem inspirado em seus livros *Caçadores noturnos* e *O coveiro, uma fábula marginal*, o qual foi dirigido por Ulysses Cruz e produzido pela Globe-SP. Em março de 2009, publicou o livro de contos *Relicário* (GLS/Summus). Neste mesmo ano, foi premiado pelo ProAC nº 15 da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, com o livro infantil *Lilica, o rabugento e o leão banguela...* e recebeu o prêmio Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura 2009, concedido pela Funarte, para escrever o texto *O Escorpião* (teatro, inédito), que encerra a trilogia *Subterrâneos* (iniciada em 2001, com os contos de *Caçadores noturnos*).

Conheci os contos de Felipe Greco, durante o mestrado. Curiosamente o preconceito me permitiu isso. Tudo começou com uma proposta de trabalho da disciplina Discurso literário de grupos minoritários, em que cada aluna deveria apresentar um seminário, cujo tema relacionasse com a produção literária de mulheres, índios, negros e homossexuais. Houve um sorteio, a mim coube à apresentação sobre as mulheres, o que era ótimo, pois minha pesquisa era sobre a escrita e a subjetividade feminina. No entanto, a sorteada que deveria apresentar sobre a homotextualidade, não aceitou de forma nenhuma desenvolver o trabalho. Trocamos os temas e tentei fazer algo impactante. Escolhi pesquisar os contos da *G Magazine* e nela encontrei inúmeros contos do Felipe. Ele produzia mais que os outros escritores e com uma diversidade temática muito grande. A apresentação do meu trabalho foi um escândalo e um sucesso, o artigo que escrevi foi publicado e a comunicação que apresentei na UFOP, também agradou bastante. E, com isso, aqui estou, escrevendo esta apresentação, compartilhando afetos... A abertura ao novo traz vida, movimento, intensidades...

Contemporâneos - Como surgiu o convite para escrever para a *G Magazine*?



Felipe Greco - Em junho de 2004, Jayme Camargo (Pai), então editor-chefe da *G Magazine*, que havia gostado muito do meu primeiro livro de contos, *Caçadores noturnos*, telefonou para minha casa e encomendou um conto. Como eu não estava, deixou recado na secretária eletrônica. Ao retornar, liguei para o Jayme. Agradei, mas disse a ele que não poderia aceitar, pois não me achava capaz de escrever algo com um tema tão específico. Embora os contos de *Caçadores noturnos* abordem o desejo – aliás, com este livro comecei minha trilogia chamada *Subterrâneos* –, o sexo era tratado de outra forma, mais direta, bruta, sem intenção de “excitar” o leitor. Porém Jayme me convenceu a escrever. “Ao menos um”, pediu, oferecendo um cachê razoável e duas páginas com ilustração exclusiva. Atrevido, aceitei. E deu certo. Não no início, é verdade. O público gay masculino estava acostumado com os relatos, o sexo mais banal. Mandaram cartas e mensagens por e-mail, reclamando que os contos não excitavam mais como antes etc. As mulheres que liam a *G* começaram a me defender. Com o tempo, o perfil dos contos homoeróticos da revista foi mudando. Do simples relato, passou a ter um pouco mais de lirismo, literatura, trama. Feito isso, que no fundo era a vontade da direção da revista sob o comando de Ana Fadigas, fui me afastando aos poucos. Escrevendo a cada dois meses, depois apenas em ocasiões/pautas especiais. Até encerrar minha participação, se não me engano, em janeiro de 2008, com um conto de *réveillon*. Por coincidência, Jayme deixava redação da revista naquele mesmo mês e, logo em seguida, Ana Fadigas vendeu a editora – afastando-se, portanto, da direção. Missão cumprida para os três, acho.

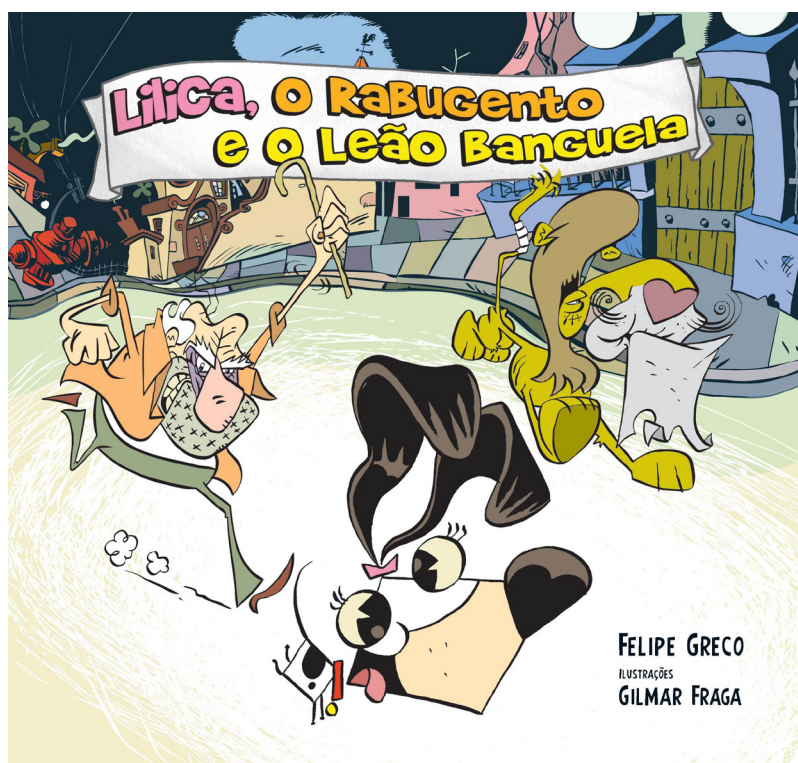


Contemporâneos - A inclusão de seus contos, na revista, deu mais visibilidade ao seu trabalho de ficcionista ou de alguma forma, demarcou um lugar – o da escritura homossexual?

Felipe Greco - Acho que nem uma coisa, nem outra. Ganhei foi muita experiência. Principalmente, aprendi a ser mais focado, economizar na escrita, não buscar tantos malabarismos com as palavras, essas coisas de autor iniciante que quer muito mostrar “que é bom” – principalmente, para si próprio. Aliás, escrevendo na *G*, deixei de querer me mostrar como autor. Descobri que, no fundo, não gosto de ser autor, mas apenas de escrever histórias, mexer com as fantasias das pessoas, sexuais ou não. Ser autor, no sentido glamoroso, detesto mesmo. Sessão de autógrafos, para mim, é uma tortura. O que importa para mim é ser lido, ver que as pessoas se identificam com as histórias que, de certa forma, procuram dar um pouco de voz a elas. O que interessa é o texto, o autor é o menos importante. Falo isso, porque me decepcionei bastante ao conhecer alguns autores dos quais admirava o trabalho, chegando mesmo a ponto de nunca mais ler suas obras. Penso que o autor faz parte da fantasia do leitor: “será que ele viveu isso?”, “será que ele se parece com determinado personagem?” E é bom que isso ocorra, “faz parte do pacote da criação”, entende? Entre a magia da criação e a realidade banal da criatura, fico com a primeira, sem dúvida. Por isso, ao me “mostrar” como ficcionista na revista, aprendi, na verdade, a me “esconder” como autor. Parece loucura, mas foi o que aconteceu. E quando alguém, por acaso, me reconhece em algum lugar e pergunta: “Você não é aquele cara que escreve...?” Respondo rapidamente: “Não. Gostaria, mas não sou”.

Contemporâneos - Você é de alguma forma 'engajado'?
Ou melhor, tem preocupações ligadas à conquista e
extensão de direitos aos homossexuais, e ou a uma
política outra para os corpos e para a vida?

Felipe Greco - Não "engajado", mas apoio
e defendo todo aquele que se sinta, de certa
forma, ameaçado. Negar a plena cidadania a
um é negar a todos, pois vivemos em sociedade.
Estamos todos no mesmo barco, não? Por ser
desde pequeno um bicho arredio, de raríssimas
amizades, não teria condições de participar
de encontros, passeatas, tudo isso que é, sim,
muito importante para, ao menos, gritar para a
sociedade: "olhem o que vocês estão fazendo
comigo!" De longe, ajudo a divulgar, apoio,
avalizo, enfim, faço o que estiver ao meu
alcance. No mais, escrevo. Como disse, tento
dar voz aos excluídos em geral. Já é algo, não?



Contemporâneos - Por que escrever?

Felipe Greco - Nome ucaso, poregoísmo e capricho de uma persona que criei para me defender da realidade e/ou que foi se “alojando” em mim nos meus momentos de tédio absoluto. Nunca gostei do mundo como ele se apresentava/apresenta... Nunca mesmo! Achava tudo muito besta, sem encanto. Assim, comecei a recriar situações, pessoas... Sou o Felipe Greco, escrevendo. Sou outro, o João Felipe de Freitas Tavares, nas ruas, no dia a dia. Hoje, à medida que a idade avança, sinto que o segundo, o Felipe real, vai ganhando força e se impondo. Talvez o outro desapareça, mude de vez para o mundo da ficção. Respondi a sua pergunta? Bem, é mais ou menos isso: escrevi/escrevo para amansar meu demônio particular, não enlouquecer de vez, enfim, me salvar de mim mesmo.



Contemporâneos - O que você leu e lê que considera significativo e gostaria de dividir com outras pessoas?

Felipe Greco - Você pode achar estranho, mas não sou um leitor compulsivo. Nem sei se gosto de ler ficção ou obras de não ficção. Talvez já tenha gostado mais, é verdade. Ultimamente, depois que comecei a trabalhar como editor, leio bem pouca coisa por diversão. Quando tenho um tempinho livre, fujo dos livros. E depois, cada vez me convenço mais de que indicações (livros, filmes, peças etc.) só atrapalham. Arte é encontro, atração mútua, entende? Leitores encontram naturalmente seus livros, suas personagens e suas histórias. Forçar isso é péssimo.



Contemporâneos - Ser ficcionista, hoje, e escrever sobre a homoafetividade e outros temas transversais é menos complicado que antes, em termos de preconceitos possíveis? Quais os avanços e recuos nesse sentido?



Felipe Greco - Sim, é possível que hoje exista mais liberdade nesse sentido. Mas em contrapartida também há mais violência física contra pessoas que ainda são consideradas “diferentes”. Há mais violência ou a violência que sempre existiu, agora, com as novas tecnologias, é que se torna mais divulgada. Também as vítimas, mais conscientes dos seus direitos, denunciam, reclamam, cobram providências das autoridades. Mas, voltando à ficção homoafetiva ou homoerótica, creio que é uma questão de postura do próprio autor em relação ao texto. Nos primeiros contos, admito que minha homofobia internalizada (em maior ou menor grau, todos nós, héteros ou homossexuais, temos) se manifestou. Pensei em assinar os contos com outro pseudônimo, criar mais uma persona. Que bom que não fiz isso. Disse para mim mesmo: “Escreva e assine como Felipe Greco ou não escreva nada”. Escrevi. Deu certo. Não arrebentaram nenhuma lâmpada fluorescente na minha cabeça por isso. De certa forma, esse desafio (literário e pessoal) me ajudou a fazer meu próprio “rito de passagem”. Como disse na apresentação do livro: “Vasculhar a libido alheia era [...] uma via de mão dupla. É lógico que escrevi para me divertir e me exercitar como ficcionista, mas também para mergulhar um pouco no meu baú freudiano de totens e tabus”.



Contemporâneos - Como foi a passagem de Caio Fernando de Abreu em sua vida?

Felipe Greco - Não diria que foi “uma passagem”. Certa vez, enviei alguns contos a ele, porque um importante editor-chefe de um caderno de cultura de São Paulo, depois de conhecer meus primeiros escritos e descobrir que sou do Rio Grande do Sul, me falou de Caio Fernando Abreu. Com dezessete para dezoito anos, recém-chegado de Uruguaiana (RS), nem sabia quem era esse escritor. No Largo do Arouche, ainda era um tempo em que havia muitas livrarias por ali, comprei Morangos mofados. Li com fome de leitura. Caio, também gaúcho, era tão apaixonado quanto eu por São Paulo. Esse anonimato, essa solidão e até mesmo essa decadência assumida de certas partes da metrópole, tudo isso também estava na literatura do Caio. Sim, eu precisava ler o Caio Fernando Abreu, conhecê-lo. (Está bem, às vezes, uma indicação pode ser redentora!) E como nessa época eu já escrevia alguns roteiros de cinema na Boca do Lixo e tinha contato com o cineasta Guilherme de Almeida Prado, consegui o endereço do Caio, mandei os contos. Hoje, sinto calafrios só de pensar no conteúdo daqueles escritos. Deviam ser ridículos. Enfim... Semanas depois, recebi um telefonema. Do outro lado, um sujeito de voz grave, era Caio me chamando para tomar um café nos Jardins. Marcamos. Fui. Chegando ao apartamento dele, sentei e pude testemunhar esse extraordinário escritor datilografando a página final de *Onde andaré Dulce Veiga?*, que seria seu último romance. Colocou as páginas em um envelope e mandou para a editora. Perplexo, perguntei: “Mas você não vai tirar uma cópia?” (Sim, naquele tempo era isso ou escrever utilizando carbono.) E ele, acendendo mais um cigarro, fumava muito: “Pra quê, se depois vão me mandar o livro?” Mais confuso ainda, insisti: “E se o manuscrito se perder por aí?” Caio, abrindo a porta para irmos até a cafeteria: “Se ele se perder por aí, é porque se parece comigo, com você: nasceu para andar perdido”. Piscou o olho e sorriu. Saímos. O romance não se perdeu, foi publicado, virou filme nas mãos do próprio Guilherme de Almeida Prado, que atualmente é meu amigo e vizinho aqui, no Morumbi. Como certa vez disse a Maria Adelaide Amaral: “Caio tinha mesmo esse dom de reunir as pessoas”. Por isso, com o Caio tive um encontro, belo, breve e sereno. Um aprendiz diante de um mestre consagrado. Caio era um escritor, consegui ser mero ficcionista. Há uma diferença enorme. Caio me ensinou isso. Ele sabia das coisas. Dediquei *Caçadores noturnos* a ele, era o mínimo que eu podia fazer.

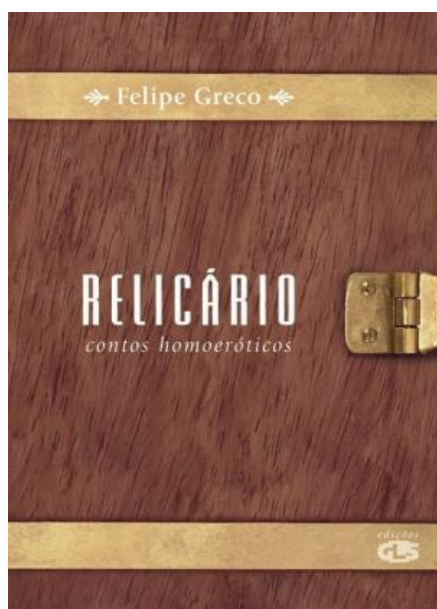
Contemporâneos - Você escreve contos, peças, fábula, roteiros para cinema. Há um gênero favorito?

Felipe Greco - Não. Gosto de escrever. Com o tempo, à medida que aprendi a exercitar minha humildade em relação aos textos, fui percebendo que é a história que quer ser contada dessa ou daquela forma, com esse ou aquele formato. Apenas obedeco da melhor maneira possível. Comigo é assim que acontece. Não era. Antes, eu achava que podia mandar, interferir... Bobagem. É um desgaste desnecessário. É melhor deixar que o filho nasça do jeito que ele quiser nascer. Aliás, com tudo na vida é mais ou menos assim, não?



Contemporâneos
- De que maneira as
marcas e experiências
do vivido atravessam
sua escrita?

Felipe Greco - Brinco que é preciso tomar cuidado com autores, pois acabam “roubando” gestos, falas etc. É claro que o que vai para o papel deve sair, ainda que de modo inconsciente, de alguma gaveta de guardados do autor. Nos contos da *G Magazine*, em 2009 lançados pelas Edições GLS, isso foi abordado em “As máscaras”, “Relicário” e “O escritor de contos eróticos”. E aqui, voltamos ao “pacote da criação”: é bom que o leitor crie suas próprias fantasias em relação ao autor. Quem abre um livro de ficção busca fantasia, certo? Pois que cada um fantasie o que quiser sobre o autor. A realidade é muito chata e sem graça. Autores, também. Eu, pelo menos, acredito nisso.



Contemporâneos -
Em que projetos você
está trabalhando?

Felipe Greco - Estou editando mais do que escrevendo ficção. Porém há dois projetos por aí, esperando o momento certo para nascer. Um deles é a adaptação que fiz para quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Escrevi o roteiro entre 2007 e 2008. Mario Cau, jovem e talentoso desenhista, terminou a arte das mais de duzentas páginas. Parece que será lançado ainda neste semestre. Vamos aguardar... Também há um texto para teatro, desenvolvido e finalizado graças ao Prêmio de Interações Estéticas que recebi da Funarte em 2009. O título é *O escorpião*. Com ele, encerrei minha trilogia *Subterrâneos...* e também fecho um ciclo. Há um diretor muito especial interessado em montar a peça. Vamos ver no que vai dar... Ou como dizia o Caio: "Talvez este texto seja apenas mais um 'perdido'".